

A LINGUAGEM ANÁRQUICA DE ROLAND BARTHES EM DOIS MOMENTOS: AULA E O GRAU ZERO DA ESCRITURA

Regina Céli Alves da Silva (UERJ)
reginaceli@click21.com.br

Os olhos de Barthes eram inquietos. Em constante movimentação, suas retinas acompanhavam saberes, procurando, com a ampliação de seu campo ótico, construir uma lente teórico-crítica grande angular. Em *A aventura semiológica* (Conferência pronunciada na Itália e publicada no *Le Monde* em 1974), disse que a semiologia para ele era uma aventura e avaliou a pesquisa semiológica sob dois aspectos: o interrogar-se sobre o lugar de onde se fala - lugar sem segurança da ciência -; atacar não mais a penas a consciência pequeno-burguesa, mas o sistema simbólico e semântico da civilização ocidental. Foi com consciência da não segurança do lugar de onde falava e investindo na fissura do sentido que Roland Barthes, na última década em que viveu (morreu em 1980), orientou a trajetória de suas investigações, deixando uma herança teórico-crítica para as décadas posteriores. Por isso mesmo, o trabalho que propomos tem como objetivo fundamental situar alguns momentos de sua pesquisa, aqueles que se encontram em *Aula* (1978) e em *O grau zero da escritura* (1953), de forma que se possa observar em seus escritos uma conduta metodológica e crítica anárquica. Para isso, adotar-se-á o fragmento como recurso de exposição, uma vez que esse procedimento encontra correspondência na prática discursiva do semiólogo, reforçando o vínculo de seu método e de suas reflexões com o anarquismo.